



CRENÇAS SOBRE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA: o que pensam quatro professores do ensino médio de escolas públicas¹

Janete Strutz*

RESUMO

O presente trabalho propõe analisar e discutir possíveis crenças encontradas em quatro profissionais formados em Letras sobre o processo de ensino-aprendizagem de Língua Inglesa. Ao dialogar com autores como Ana Maria Ferreira Barcelos, Fabio Madeira e Almeida Filho, defino crenças como princípios pessoais, declarados ou inferidos pelo discurso ou pela ação, aceitos como verdades, e que exercem influência sobre o que os indivíduos pensam e o que eles fazem. As crenças são dinamicamente construídas a partir das experiências que estes indivíduos vivenciam durante toda a sua história de vida, a partir de características pessoais, como a idade, o sexo, a formação ou a personalidade. Este trabalho também objetiva contribuir para caminhos de ação e reflexão da prática de ensinar do professor, os recursos e os métodos utilizados levando em consideração que diferentes posturas metodológicas e concepções que podem permear o trabalho docente do professor de língua inglesa, bem como de sua própria formação acadêmica e que as crenças podem servir de barreiras ou auxiliar o processo e podem sofrer alterações pela experiência que as pessoas vivenciam.

Palavras-chave: Letras. Língua Inglesa. Ensino-aprendizagem de Língua Inglesa. Professor de Línguas Estrangeiras. Ana Maria Barcelos.

1 INTRODUÇÃO

¹ Artigo elaborado a partir do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Letras, do *campus* Universitário de Sinop, Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) em 2007, sob a orientação da Ma. Olandina Della Justina.

* Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela UNEMAT em 2007. Graduada em Apostilamento em Língua Espanhola, Gramática e Literaturas pelo Curso de Letras – Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) / Extensão Sinop em 2010. Cursando a Especialização Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa pelo Curso de Letras da UNEMAT / Sinop (2011/2012).

No intuito de desenvolver uma pesquisa qualitativa no sentido de contribuir para reflexão da prática cotidiana do professor ao ensinar uma língua estrangeira. A pesquisa discute as crenças de quatro professores do Ensino Médio de Escolas Públicas quanto ao processo de ensinar e aprender a língua inglesa.

A pesquisa possibilita descrever e interpretar as ações dos professores em um determinado contexto social e cultural. Será apresentada a técnica a ser trabalhada, que será uma entrevista aberta proposta aos professores como ponto fundamental da pesquisa.

Consta neste trabalho Crenças no ensino-aprendizagem e crenças dos professores, onde serão apresentadas e discutidas, para que melhor possamos entender e explorar a pesquisa realizada e desenvolvida.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Apesar do consenso de alguns estudiosos e professores com relação à importância do estudo das crenças no ambiente educacional e, mais especificamente na área de ensino-aprendizagem de língua estrangeira, os estudos não convergem para uma única definição para o termo. Isso se deve parcialmente ao seu caráter multidisciplinar. Dentre as palavras já utilizadas na definição de crenças temos: atitudes, valores, julgamentos, opiniões, ideologia, ou ainda sistemas conceituais, teorias pessoais e repertórios de entendimento.

Barcelos (2005), ao fazer um levantamento de alguns termos e definições já usados para se referir às crenças sobre aprendizagem de línguas, afirma que todas já explicitadas por diferentes autores compartilham da ideia de que as crenças se referem à natureza da linguagem e ao ensino-aprendizagem de línguas e que não são meramente um conceito cognitivo, mas também social, visto que elas são construídas a partir de nossa interação com o contexto.

De acordo com Barcelos, entendemos crenças como princípios pessoais, declarados ou inferidos pelo discurso ou pela ação, aceitos como verdades, e que exercem influência sobre o que os indivíduos pensam e o que eles fazem. As crenças são dinamicamente construídas a partir das experiências que estes indivíduos vivenciam durante toda a sua história de vida, a partir de características pessoais, como a idade, o sexo, formação ou a personalidade.

O professor vai criando e testando hipóteses sobre sua ação e o resultado gerado por essa ação, e vai construindo teorias – suas crenças – o que as tornam altamente resistentes à mudança.

Essa construção de teorias é importante, pois auxiliam as pessoas a se compreenderem e a compreenderem os outros, e a se adaptarem ao mundo. As crenças ajudam indivíduos a se identificarem com os outros para formarem grupos e sistemas sociais. Em um nível social e cultural, elas dão elementos de estrutura, ordem, direção e dividem valores.

Barcelos (2005, p.19) afirma que: “[...] as crenças não estão dentro de nossas mentes como uma estrutura mental pronta e fixa, mas mudam e se desenvolvem a medida que interagimos e modificamos nossas experiências e, somos, ao mesmo tempo modificados por elas.

As crenças estão relacionadas ao imaginário, às representações, é aquilo que acreditamos ser verdade, mesmo não tendo um conhecimento certo, acreditamos ser verdadeiros e que podem ser questionados no futuro. Enquanto que conhecimento é o resultado daquilo que pesquisamos, aquilo que sabemos cientificamente.

Segundo Madeira (2005), no contexto de ensino/aprendizagem de língua estrangeira o conceito vem sendo definido por diversos autores. Barcelos (2001, p.72), por exemplo, define crenças como: “[...] opiniões e ideias que alunos (e professores) têm a respeito dos processos do ensino e aprendizagem de línguas”. Almeida Filho (2002, p.13), por sua vez, refere-se a crenças de professores como: “[...] o conjunto de disposições que o professor dispõe para orientar todas as ações da operação global de ensinar uma língua estrangeira”.

Desta forma, observamos que as crenças têm em sua gênese elementos históricos, sociais e culturais, uma vez que elas se formam a partir da experiência de vida do indivíduo, em situações de convívio social, em diferentes ambientes, em situações diversas. Além disso, também concordamos com as afirmações de que as características individuais do sujeito são um elemento importante na forma como essas crenças irão se formar.

3 CRENÇAS SOBRE ENSINAR E APRENDER A LÍNGUA INGLESA

Falando sobre a influência da experiência educacional e definindo crenças como opiniões baseadas na experiência e em opiniões de pessoas que influenciam a maneira de agir dos aprendizes de língua, entendo que são muitos os fatores que atuam nesta construção, na relação entre crenças e ações, ou a prática em questão, no ensino-aprendizagem.

Julgamos importante o aprofundamento de algumas análises quanto às crenças explicitadas pelos professores de língua inglesa, em escolas públicas no ensino médio, por estarem relacionadas e muitas vezes haver certa implicação de uma crença com outra desenvolveremos as análises agrupando-as em conjuntos.

As crenças de que:

(01) Professor A: Os alunos só aprendem a falar inglês em cursos livres.

(02) Professor B: Aprende-se a Língua inglesa treinando as quatro habilidades linguísticas.

O professor acredita que a escola pública não ensina os alunos e para justificar tal afirmativa relata sua própria experiência de vida. Por trás desta ideia está o fato dele não se sentir seguro ao encarar as escolas públicas com suas deficiências e mazelas.

(03) Professor A: Eu aprendi a falar inglês em cursos de idiomas, escola particular.

(04) Professor B: Eu aprendi inglês em cursos de idiomas, depois morei quatro anos nos Estados Unidos.

(05) Professor C: A grande base aprendi em cursos livres, no Fisk.

(06) Professor D: Aprendi a falar inglês com falantes nativos e cursos livres de idiomas.

Associados a esta crença somam-se outros fatores, o conteúdo trabalhado acaba sendo extremamente básico, que serve apenas para aprender algumas coisas relacionadas à gramática, ou a tradução de pequenos textos ou músicas, até mesmo passa-se uma lista de exercícios ao aluno para cumprir com os critérios de avaliação, e o ensino de uma língua estrangeira acaba sendo apenas uma matéria para o fechamento da grade curricular da escola, no cumprimento legal.

Os professores de língua inglesa tiveram sua formação ancorada no pensamento de que para ensinar, o professor desenvolve suas aulas baseado nas quatro habilidades: *Listening, reading, writing* e *speaking*. (ouvindo, lendo, escrevendo e falando), e que este é o melhor caminho para ensinar e aprender.

(07) Professor B: Tento desenvolver as quatro habilidades no ensino de língua inglesa, não sei se é o melhor caminho, mas é um bom caminho.

Não há discordância que os objetivos práticos - entender, falar, ler e escrever - a que a legislação, especialistas e professores fazem referência são importantes, quer nos parecer que o caráter formativo intrínseco à aprendizagem de Línguas Estrangeiras não pode ser ignorado.

Partimos do pressuposto que o professor ao entrar em sala de aula trabalha uma dada abordagem trazida de seus conhecimentos de mundo, mas para desenvolver uma abordagem consciente e progressiva ele precisa desenvolver competência, uma das muitas que Almeida Filho (1999, p.94) esclarece com ênfase:

A competência aplicada é aquela que capacita o professor a ensinar de acordo com o que sabe conscientemente (subcompetência teórica) e que lhe permite articular no discurso aplicações plausíveis de porque ensina da maneira como ensina e porque obtém os resultados que obtém.

Mas muito mais que o seu conhecimento, quando o professor adentra a sala de aula e passa a ser guiado por esta sua abordagem de ensino, coerente, porém competência implícita, baseadas em intuições, crenças e experiências, ele precisa se fortalecer e desenvolver a sua competência profissional, que na visão de Almeida Filho (1999, p.94):

Através desta competência o professor conhecerá seus deveres, potencial e importância social no exercício do magistério na área de ensino de línguas. Movido por esta competência o professor administra seu crescimento profissional, seu engajamento em movimentos e atividades de atualização de forma permanente.

Outras crenças estão relacionadas ao mau êxito do ensino da Língua Estrangeira na escola pública, isso se manifesta nas ideias de que:

(08) Professor C: Melhorar a formação universitária fortalece o ensino-aprendizagem.

(09) Professor D: os alunos desmotivados, os professores ineficientes e algumas vezes despreparados, os professores em sua grande maioria não falam inglês e têm um conhecimento muito limitado da língua.

O próprio sistema de ensino não possibilita capacitação dos profissionais, de fato o professor-aluno precisa buscar um aprimoramento se aperfeiçoando em cursos livres e cursos superiores, como: pós-graduação, mestrado e doutorado, para que possa orientar seus alunos e estar em contato com a língua buscando atualizações, segundo os participantes de língua inglesa afirmam.

(10) Professor D: O profissional precisa buscar capacitação com mais conhecimento da cultura da língua que ele ensina, através de seminários, palestras e aperfeiçoamento em cursos livres.

(11) Professor B: O professor não deve parar na formação acadêmica, deve buscar capacitação para seu desenvolvimento e aprimoramento.

Outra grande barreira para ensinar e ganhar a atenção do aluno é estar em uma sala com 35 a 40 alunos. O aluno precisa de acompanhamento e atenção por parte do professor, que por sua vez não consegue se desdobrar para atender a todos e acaba deixando a desejar na orientação e acompanhamento do desenvolvimento do aluno.

Desta forma, se a turma fosse menor, o professor poderia dar mais atenção a seus alunos e desenvolver o seu trabalho de forma eficiente.

(12) Professor A: Eu acredito que para melhorar o ensino-aprendizagem deveria haver sala de línguas (Sala ambiente), menos alunos por turma e um material apropriado.

(13) Professor B: As salas têm muitos alunos e o professor não pode desenvolver uma atividade diferente, porque não tem como dar atenção a todos os alunos ao mesmo tempo.

(14) Professor A: O ensino da língua inglesa ainda deixa muito a desejar devido principalmente ao grande número de alunos por turma, as turmas deveriam ser menores.

O professor recém-formado chega à escola e se lança na sala de aula cheio de novas ideias, acreditando que poderá transformar o sistema de ensino. Deste modo, se ele se capacita e adota uma forma atraente de repassar o conhecimento da língua inglesa com aulas mais dinâmicas, consegue passar a seus alunos os objetivos traçados e assim contribui para que eles entendam a necessidade e a importância de se aprender um segundo idioma, desta maneira, o aluno se sente motivado a buscar o conhecimento do idioma, assim, acredita-se que está no professor a capacidade para conseguir ensinar o aluno e transformar sua visão.

Destaca-se que, na grande maioria das vezes, a escola está vinculada a um sistema tradicionalista, cabe ao professor não se deixar influenciar por este sistema, e trabalhar a sua abordagem de ensino de forma diferenciada, fazendo com que seus colegas venham a adotar tais atitudes inovadoras.

(15) Professor C: Há poucos recursos, a principal ferramenta do professor de língua inglesa é a criatividade.

Neste caso é importante que o professor saiba inovar e dar o melhor de si, toda a responsabilidade recairá sobre ele que precisa ensinar como filosofia de vida, dedicação e que dessa maneira conseguirá alcançar seus objetivos e com certeza fará toda diferença, num meio que lhe é adverso.

(16) Professor B: A vontade de fazer acontecer do professor pode fazer toda diferença.

Partindo da concepção de que escola deve priorizar a formação de um cidadão participativo e autônomo, é importante investigar/analisar o ensino através da reflexão sobre como ensinar. Portanto, o professor deve ser incentivado a refletir sobre sua prática visando à formação de um indivíduo capaz de agir socialmente, ser reflexivo e ser também responsável pelo seu aprendizado.

O aluno autônomo é capaz de se posicionar frente a uma situação de aprendizagem, elaborar projetos pessoais como, por exemplo, buscar informações para superar uma dificuldade de aprendizagem e utilizá-las, bem como estabelecer e seguir metas, participar de projetos coletivos, ter uma postura crítica e analisar diferentes visões a fim de tomar conclusões ponderadas.

O professor interessado em ajudar seus alunos a serem autônomos proverá situações que propiciem a participação e a interação deles frente a conflitos, problemas, perguntas que estimulem o raciocínio, reflexão e a expressão. Agindo assim, o professor será mediador e fomentador da autonomia desses alunos.

O professor pode ouvir seus alunos nas decisões a serem tomadas pela classe, pois isso estimula a autonomia deles. Percebe-se que estimular a reflexão, a autonomia dos alunos e dar-lhes voz, estimula a formação do aluno como sujeito pensante, reflexivo e atuante em seu processo de aprendizagem, sem, no entanto, diminuir a autonomia de atuação do professor.

Por isso, é importante que o professor esteja sempre num processo de formação, buscando conhecimento e cursos para seu desenvolvimento contínuo, desta forma teremos profissionais mais competentes e críticos.

Segundo Cavalcanti e Moita Lopes (1991 apud ALMEIDA FILHO 1999, p. 95) afirmam que:

Os cursos universitários de formação de professores de LE idealmente enfatizam o desenvolvimento da proficiência do professor-aluno, esperando que esta ênfase, de alguma forma, seja revertida na melhoria do ensino, uma vez que, geralmente, apenas um ano (do total de quatro) é destinado à prática de ensino, e esta disciplina, na maioria dos casos, não prevê a reflexão sobre a prática, restringindo-se a um receituário de atividades para sala de aula. Segundo os autores esta reflexão deveria ser vista como o embrião da atividade de pesquisa, e deveria ocorrer durante todo tempo de formação do professor-aluno.

Para finalizar estas reflexões apontamos as crenças de que:

(17) Professor A: A língua inglesa e seu ensino ainda é muito desvalorizada no contexto escolar.

(18) Professor B: É importante o ensino-aprendizagem da língua inglesa no contexto escolar.

Já que a intenção do ensino é preparar o aluno para vida e para o mercado de trabalho, os professores deveriam conscientizar o aluno que futuramente este aprendizado será imprescindível para vida profissional, porém o problema é o desinteresse do aluno, que só aprende movido pela avaliação e para terminar o período letivo.

(19) Professor D: O aluno não tem muita paciência para terminar o curso, também às vezes tem o critério da falta de tempo, principalmente quando se trata do ensino médio com alunos mais adultos.

No âmbito da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, as Línguas Estrangeiras Modernas recuperam, de alguma forma, a importância que durante muito tempo lhes foi negada. Assim, integradas à área de **Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**, as Línguas Estrangeiras assumem a condição de ser parte indissolúvel do conjunto de conhecimentos essenciais que permitem ao estudante aproximar-se de várias culturas e, conseqüentemente, propiciam sua integração num mundo globalizado.

As Línguas Estrangeiras na escola regular passaram a pautar-se, quase sempre, apenas no estudo de formas gramaticais, na memorização de regras e na prioridade da língua escrita e, em geral, tudo isso de forma descontextualizada e desvinculada da realidade.

Ao pensar-se numa aprendizagem significativa, é necessário considerar os motivos pelos quais é importante conhecer-se uma ou mais línguas estrangeiras. Se em lugar de pensarmos, unicamente, nas habilidades linguísticas, pensarmos em competências a serem dominadas, talvez seja possível estabelecermos as razões que de fato justificam essa aprendizagem.

4 CONCLUSÃO

A pesquisa revê o papel do professor, não mais como principal responsável pelo sucesso ou fracasso dos alunos, mas como um dos agentes fundamentais do processo, por seu papel decisório dentro da Operação Global de Ensino de Línguas, conforme propõe Almeida Filho, mesmo em uma percepção mais democrática do ensino, ainda observa-se que é o professor quem conduz a aula.

Entende-se a comunicação como uma ferramenta imprescindível no mundo moderno, com vistas à formação profissional, acadêmica ou pessoal, deve ser a grande meta do ensino de Línguas Estrangeiras Modernas no Ensino Médio.

Neste contexto, as crenças organizadas a partir da fala dos professores participantes refletem as situações enfrentadas, as experiências vivenciadas pelos professores e as concepções construídas a partir delas no ensino-aprendizagem da Língua Inglesa.

BELIEFS ABOUT TEACHING/LEARNING ENGLISH:

What think four high school teachers from public schools²

The present work aims to analyze and discuss the beliefs that four high school teachers build throughout their experience in teaching-learning of English. In dialogue with authors such as Ana Maria Ferreira Barcelos and Fabio Madeira, define personal beliefs and principles, stated or implied by speech or by action, accepted as true, and that influence what people think and what they do. Beliefs are dynamically constructed from the experiences that these individuals experience throughout their life history, from personal characteristics such as age, sex, education or personality. This work also aims to contribute to action and reflection of teaching, resources and methods taking into account that different conceptions and methodological stances that can permeate the teaching of English language teacher, as

² Tradução realizada pela aluna Janete Strutz e revisão pela aluna Emília Dieterich, do Curso de Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa.

well as its own academic background and beliefs can serve as barriers or assist the process and may change the experience that people experience.

Keywords: Languages. English Language. Teaching-learning of English. Teacher of Foreign Languages. Ana Maria Barcelos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos (Org.). **O professor de Língua Estrangeira em formação**. Campinas: Pontes, 1999.

BARCELOS, Ana Maria F. **Understanding Teachers' and Students' Language Learning Beliefs in Experience: a deweyan approach**. Tese de Doutorado. University of Alabama, USA, 2005.

_____. Linguagem e ensino. In: **Crenças sobre aprendizagem de línguas, linguística aplicada e ensino de línguas**, v. 7. n. 1, 2001. p.123-157.

BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares nacionais: língua estrangeira / ensino fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

MADEIRA, Fabio, **Alguns comentários sobre a pesquisa de crenças no contexto de aprendizagem de língua estrangeira**. São Paulo: Estudos Linguísticos XXXIV, 2005. p. 350-355.

PROFESSOR A. **Professor A**. depoimento. [21 out. 2007]. Entrevistadora: Janete Strutz. Sinop, MT, 2007. Questionário. Entrevista concedida para o trabalho de conclusão de curso (TCC).

PROFESSOR B. **Professor B**. depoimento. [21 out. 2007]. Entrevistadora: Janete Strutz. Sinop, MT, 2007. Questionário. Entrevista concedida para o trabalho de conclusão de curso (TCC).

PROFESSOR C. **Professor C**. depoimento. [21 out. 2007]. Entrevistadora: Janete Strutz. Sinop, MT, 2007. Questionário. Entrevista concedida para o trabalho de conclusão de curso (TCC).

PROFESSOR D. **Professor D**. depoimento. [21 out. 2007]. Entrevistadora: Janete Strutz. Sinop, MT, 2007. Questionário. Entrevista concedida para o trabalho de conclusão de curso (TCC).